



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12930 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

O castelo do Harry Potter: a presença do Colégio Marista na Tijuca, Rio de Janeiro
 Pedro Henrique Nascimento de Oliveira - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
 Paula Leonardi - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

O castelo do Harry Potter: a presença do Colégio Marista na Tijuca, Rio de Janeiro

RESUMO

Esta comunicação aborda as representações do Colégio Marista São José para moradores e ex-alunos na região da Tijuca, Rio de Janeiro. Mobiliza os conceitos de memória e territorialidade para chegar a responder se os colaboradores o consideram um patrimônio. A metodologia envolveu História Oral e entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicam que a presença física do colégio ao longo dos seus 90 anos carrega uma marca, como uma grife, que comunica religiosidade e tradição e delimita fronteiras no bairro.

Palavras-chave: Colégio São José; materialidade escolar; patrimônio; memória; territorialidade

Semântica, metáforas, signos^[1]. O que transmitem ou representam os colégios católicos na paisagem da cidade para os moradores e para ex-alunos? Muitos dos colégios de organizações religiosas católicas marcam a paisagem do Rio de Janeiro até hoje. É o caso do Colégio Marista São José, que exerce a mesma função social educativa há 91 anos.

As pesquisas desenvolvidas por nosso grupo se interessam em analisar a materialidade das escolas, o patrimônio escolar edificado, especificamente os sentidos ou representações que

lhes são atribuídos de modo a considerá-las ou não um patrimônio. Esta pesquisa visa pensar o lugar das escolas no espaço da cidade, procurando identificar como marcam a paisagem – dimensão da percepção que nos chega pelos sentidos (SANTOS, 2006) - e compreender se e de que maneira produzem território na região da Tijuca.

Argumentamos que a cultura material, como "exponente visible y a la vez el efecto interpretado de los signos y de los significados que exhiben los llamados 'objetos-huelle', así como también las representaciones que los replican o acompañan" (ALBA, 2022, p. 133), pode produzir patrimônio e territorialidades. Embora a noção de patrimônio não se restrinja às sociedades modernas ocidentais, modernamente esta categoria tem o efeito de marcar um domínio subjetivo por oposição a um "outro", por vezes confundindo-se com a noção de propriedade, como se fossem extensões morais de seus proprietários (GONÇALVES, 2003). Como símbolo, o patrimônio detém a função de comunicar e de agir.

Quando tratamos da cultura material expressa no patrimônio edificado e sua relação com a cidade, a noção de território e/ou de produção de territorialidades emerge. Prédios escolares são determinados por seu contexto socioespacial e participam da produção de território (GENEVOIS, 2020). Território é entendido aqui não apenas em sua acepção política de delimitação de um Estado, mas, como relações de poder ligadas ao "chão mais a identidade" (SANTOS, 2006, p.14). A sensação de pertencimento aos espaços, as possibilidades ou não de aceder ao uso de lugares, considerá-los (espaços e lugares) como algo que se observa, se utiliza, se transforma e/ou do qual se orgulha envolve compreender formas de controle material e simbólico do espaço. Envolve bens materiais e a memória que se produz a partir e com eles.

Com essas ideias, iniciamos uma série de entrevistas semiestruturadas com ex-alunos e transeuntes que circulavam em frente ao Colégio. Lançamos mão da História Oral construindo interfaces com ferramentas da etnografia. A escolha dos colaboradores obedeceu a lógicas diferentes embora as questões fossem semelhantes. Para o caso dos ex-alunos, a via de acesso às entrevistas foi o contato com a Associação de Antigos Alunos. Ao todo foram coletados depoimentos de cinco ex-alunos. Para o caso dos transeuntes, as pesquisadoras^[2] passaram tardes e manhãs em frente ao Marista abordando quem passava por ali. Foram 14 entrevistados, nove homens e cinco mulheres, em sua maioria moradores do Borel e da Formiga, comunidades muito próximas ao Colégio. Um diário de campo foi constituído com os registros e as impressões, tendo em conta que descrever é também analisar (Geertz, 2008, p. 23). O que nos dizem essas fontes?

Para Alberti (1996), Geertz (2008) e Velho (2013), nada além de um registro daquele momento. Recupera-se o vivido a partir de quem o viveu sem descartar que a relação travada entre pesquisadores e entrevistados tem implicações nos resultados. Por esta razão, a produção de fontes orais deve contar com uma análise da posição do pesquisador já que este realiza o trabalho de enquadramento da memória (POLLAK, 1989) ou, nos termos de Geertz (2008), de enquadramento do observado em um campo discursivo e epistemológico.

Os ex-alunos apresentaram muita semelhança em seus discursos quando perguntados sobre o impacto da presença do prédio do Colégio na Tijuca, o que nos leva a caracterizar a instituição como um espaço de recordação (ASSMANN, 2011). Estudaram pelo menos três anos no colégio, entre as décadas de 1960 e 1970 e destacam, além da construção, a presença dos irmãos, as amigadas e as atividades que existiam lá. A forma que disfrutaram do espaço do Colégio levou dois deles a afirmar que é um “espaço mágico”, sobretudo para os que foram membros da Associação de Antigos Alunos e participaram do grêmio, o que lhes permitiu “desnudar os cantinhos do colégio”.

Valéria, moradora da Tijuca, que entrou no Colégio no ano em que a instituição abriu para meninas (1971), reconhece que o “estilo de construção quadrada, ela te recebe no coração, (...) eu me sinto acolhida”. Comenta ainda, “quando eu entro aqui existe uma mágica que é a memória, que é o passado. E mesmo que você não queira sentir nada, você sente”. Essas impressões nos reportam à “alma das coisas” (GONÇALVES, 2013, p.12), isto é, da vida social dos patrimônios, construções sensíveis com poderes de agência, que não existem sem os sujeitos. “A memória não é mais aqui lembrança – o que manteria um sentimento de distância – mas reatualização” (LÖWY, 2005, p.142). Assim, tais memórias os levam a reviver e a reatualizar, bem como a experimentar a sensação de estar ligados ao Colégio ainda hoje.

Os entrevistados na rua falam da boa fama do Colégio que, segundo alguns, seria reconhecida por toda a região. Sua fachada imponente chama a atenção dos passantes, que falam de maneira quase unânime da sua beleza. Alguns expõem o desejo de que seus filhos estudem lá, mas consideram o colégio caro. “Elitista” e “burguês” foram termos usados por dois entrevistados que afirmaram que os estudantes não são moradores do entorno. Tais impressões revelam como a imagem que a instituição produz, pela presença do edifício no bairro, participa da memória dos moradores e dos passantes, sendo o prédio parte da construção memorialística daquela localidade podendo influenciar as memórias sociais (DELGADO, 2007).

Certo "estilo de vida" pode ser lido pela presença do prédio na região, visto como objeto de desejo por alguns moradores do Borel e da Formiga. O edifício demarca uma fronteira (VELHO, 2013). Sua fachada, como afirma um dos colaboradores, “dá vontade de estudar (...) essa edificação, acho que tem 80 anos ou mais, parece o castelo de Harry Potter! Parece a escola de Harry Potter, (...) é a coisa mais linda do mundo! Meu sonho era ter estudado aqui, minha filha estuda aqui”.

Sergio, ex-aluno, comenta como o Colégio era percebido pelas famílias que matriculavam seus filhos ali: “Eles ficavam empoderados de colocar o filho naquele palácio francês. Havia um empoderamento das famílias tijucanas (...) vinha alunos que lutavam por estar ali por causa daquela monumentalidade e pela rigidez do colégio. (...) Uma segurança conceitual”.

Uma moradora do Borel reclama das péssimas condições da calçada (somente a do colégio é bem assentada) e destaca que o semáforo só funciona nos horários da instituição. Uma linha demarca sensivelmente a distância e a possibilidade de aceder ou não a determinados lugares. Moradores do Borel e da Formiga encontram-se do outro lado da linha - e da calçada - como se estivessem sentados na janela olhando uma vitrine de uma loja de luxo. “Olhar, assim, é construir uma compreensão sobre a cidade” (POSSAMAI, 2011, p.297). Construir é comunicar, é marcar, é constituir território (SANTOS, 2006). Eficientemente, este edifício comunicou tradição, religiosidade e permanência. Pessoas de dentro e de fora consideram-no patrimônio, matéria digna de preservação, ainda que não seja para todos. Incrustado entre as comunidades, o colégio é símbolo da divisão racial do espaço (GONZALES, 1983) e de distinção de classe. Estudar esse colégio como patrimônio constituído pela elite carioca é percorrer a territorialização de classes bem como da Igreja Católica e sua manutenção em um determinado espaço e na memória da população.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. O que documenta a fonte oral? **CPDOC-FGV**. Conferência, 1996.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- DELGADO, L. **História Oral: memória, tempo, identidades**. São Paulo: Autêntica, 2007.
- GEERTZ, C. Uma Descrição Densa. In: **A Interpretação das culturas**. São Paulo: Zahar, 2008. p. 3–21.
- GENEVOIS, S. Quelle approche géographique des territoires scolaires ? **Geocarrefour**, v. 94. N. 2, 2020, p. 1-28.
- GONÇALVES, J. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R. et al (org.). **Memória e patrimônio**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 25–34.
- GONÇALVES, J. et al (org.). **A alma das coisas**. Rio de Janeiro: MauadX; Faperj, 2013
- GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, L. Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos, Brasília, ANPOCS, 1983.
- LÖWY, M. **Walter Benjamín: aviso de incêndio**. São Paulo, Boitempo, 2005.
- POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**, Rio de Janeiro, 1989.
- POSSAMAI, Z. **Leituras da cidade**. In: , 2011, Londrina. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina: [s. n.], 2011
- SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. In: Território, territórios. 2a ed. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 13–21.
- VELHO, G. **Um antropólogo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

[1] A inspiração para este início vem do texto de Benito (2000).

[2] Agradecemos às bolsistas de Iniciação Científica que coletaram esses dados.